

# A locução “estar com” na configuração das sentenças com “ter”

Juanito Ornelas de Avelar  
Universidade Estadual de Campinas

## Introdução<sup>1</sup>

Grande parte dos estudos gerativistas em torno das chamadas *orações possessivas* explora a hipótese de que verbos possessivos resultam do amálgama de uma cópula e um item de natureza relacional. Muitas línguas evidenciam morfologicamente essa combinação, com o amálgama sendo visível na forma do verbo. Esse é o caso, por exemplo, do kamaiurá, em que o verbo possessivo *ereko* ‘ter, estar com’ mostra a composição da cópula *ere* ‘ser, estar’ e do item relacional *-ko* ‘com’, como em (1) a seguir. Mesmo para as línguas em que essa combinação não é morfologicamente visível (como nos casos de *ter* e *avoir* no português e no francês, respectivamente, cujas formas em nada lembram as cópulas *ser/estar* e *etre*), é largamente assumido que o verbo possessivo canônico se origina, em termos derivacionais, da união de uma cópula com um item relacional (vejam-se, por exemplo, os estudos de Lyons 1967; Freeze 1992; Kayne 1993; Belvin & Den Dikken 1997; Longa, Lorenzo & Rigau 1998; Hornstein, Rosen & Uriagereka 2002; Torrego 2002; Reintges & Lipták 2006; Avelar 2009c, entre vários outros).

- (1) KAMAIURÁ (Seki 2000: 304)  
je-r -a’yr-a w-*ereko* ywyrapar-a  
*1sg filho 3-ser/estar +com arco*  
‘Meu filho tem um arco’

Explorando pressupostos da versão minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1995), irei me ocupar, neste trabalho, das orações possessivas e existenciais do português brasileiro (doravante, PB) para argumentar que o verbo *ter* pode ser analisado como um resultado do amálgama de traços subjacentes à locução *estar com*, na linha da referida hipótese sobre a natureza do verbo possessivo<sup>2</sup>. Essa proposta foi previamente formalizada nas análises que apresentei em AVELAR (2009b, 2009c) e, no presente trabalho, será reforçada pela observação de

---

<sup>1</sup> Este estudo é parte das reflexões que nortearam a pesquisa que desenvolvi durante um estágio de pesquisa no exterior, no âmbito do projeto intitulado *Constituintes Locativos e Direcionais em Afro-Varietades de Português e Espanhol*, com financiamento da FAPESP (13/07112-9). O estudo também se insere no conjunto de atividades ligadas ao projeto temático *A Língua Portuguesa no Tempo e no Espaço: Contato Linguístico, Gramáticas em Competição e Mudança Paramétrica*, financiado pela mesma agência (processo 12/06078-9). As ideias contidas neste artigo foram apresentadas num trabalho mais amplo, intitulado *Orações Possessivas e Existenciais na História do Português Brasileiro*, durante o I Simpósio de Mudança Sintática, realizado em agosto de 2014 na Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis). Agradeço aos participantes do PHPB (*Para a História do Português Brasileiro*) que estiveram presentes naquele seminário, em especial à Maria Eugênia Lammoglia Duarte, pelas valiosas sugestões.

<sup>2</sup> Não estou assumindo nenhuma definição prévia, de base formal ou funcional, a respeito do conceito de *locução*. Ao caracterizar a ocorrência de *estar com* como uma locução, estou apenas querendo captar o fato de que, ao coocorrerem, o verbo e a preposição resultam (ou podem resultar) na interpretação possessiva, fazendo as vezes do verbo *ter* em certas expressões de posse. É necessário, contudo, desenvolver estudos mais sistemáticos para estabelecer o real estatuto da combinação desses dois itens em termos sintático-lexicais.

propriedades relacionadas a questões de controle referencial em orações com *ter*. O trabalho é dividido da seguinte forma: na seção 1, destaco paralelismos entre *ter* e *estar com* na constituição das orações possessivas, bem como abordo o contraste de ordem aspectual entre as orações com um e outro item; na seção 2, proponho uma configuração sintática para as orações possessivas, procurando captar formalmente as propriedades destacadas na seção anterior; na seção 3, mostro que as orações existenciais com *ter* e *estar com* podem ser tratadas como derivacionalmente paralelas, tal como as orações possessivas com os mesmos dois itens; na seção 4, finalmente, concluo o trabalho, destacando, em linhas gerais, como a análise proposta permite lançar luz sobre as mudanças que resultaram na emergência de *ter* como verbo existencial no PB.

### 1. *Ter e estar com* em orações possessivas

No PB, as orações possessivas são canonicamente realizadas com *ter*, como em (1a) a seguir. O verbo *estar* pode compor uma locução com a preposição *com* e também ser licenciado em certos tipos de construções possessivas, como em (1b).<sup>3,4</sup>

- (1) a. A biblioteca *tem* muitos livros.  
b. A biblioteca *tá com* muitos livros.

Em termos semântico-discursivos, a oposição entre *ter* e *estar com* pode ser tratada como sendo de ordem aspectual, permitindo a distinção entre a expressão de posse permanente ou duradoura (com *ter*) e a posse transitória ou recentemente adquirida (com *estar com*). O contraste entre as sentenças em (2) a seguir exemplifica essa distinção: a sentença com *estar com* é normalmente aceita numa situação em que o rapaz esteja, por exemplo, usando lentes de contato azuis, mas dificilmente para indicar que a cor natural dos seus olhos seja azul, sentido normalmente expresso pela oração com *ter*.

- (2) a. Aquele rapaz *tem* olhos azuis.  
b. Aquele rapaz *tá com* olhos azuis.

As sentenças apresentadas em (3)-(5) adiante, que trazem termos designativos para doenças e condições físicas e/ou psicológicas especiais, corroboram essa generalização em torno de *ter* e *estar com*. Em (3), nomes de doenças que podem ser caracterizadas como adquiridas, mas não passageiras, ocorrem como complementos tanto de *ter* quanto de *estar com*. Em (4), diferentemente, os termos passam a designar doenças adquiridas, mas transitórias, o que parece dificultar a ocorrência de *ter*. Em (5), ocorrem condições ditas congênitas, interpretadas (pelo menos em termos laicos) como não adquiridas e não transitórias, o que bloqueia a ocorrência de *estar com*. O caráter

<sup>3</sup> Para uma discussão mais ampla a respeito de construções comitativas, veja-se o trabalho de ARAÚJO (2013), que também aborda as expressões locativas, possessivas e existenciais, com foco sobre propriedades das línguas bantas.

<sup>4</sup> Nos exemplos com a locução, optei por empregar formas aferéticas de *estar* (*tá, tava, teve*) por soarem mais naturais na fala espontânea que as formas plenas (*está, estava, esteve*).

de “condição (recentemente) adquirida” parece, portanto, ser o que favorece a ocorrência de *estar com* em tais casos; já a presença de *ter* parece associada a um caráter mais permansivo ou intrínseco.<sup>5</sup>

- (3) a. Aquela homem *tem* aids / mal de Alzheimer / leucemia.  
b. Aquela homem *tá com* aids / mal de Alzheimer / leucemia.
- (4) a. # Aquela mulher *tem* gripe / dengue / catapora.  
b. Aquela mulher *tá com* gripe / dengue / catapora.
- (5) a. Aquela criança *tem* síndrome de Down / lábio leporino / autismo.  
b. # Aquela criança *tá com* síndrome de Down / lábio leporino / autismo.

Vale notar que a inserção de uma expressão frequentativa (como *sempre* e *todo ano*) junto a nomes como *gripe* abre espaço ao licenciamento de *ter*, como em (6) a seguir. Em contraste, é a ocorrência de *estar com* que parece ser dificultada em alguns casos desse tipo. Nessas sentenças, *gripe* passa a ser apontada como uma doença recorrente, o que justifica a ocorrência de *ter*.

- (6) a. Meu amigo sempre *tem* / *tá com* gripe.  
b. Meu amigo todo ano *tem* / # *tá com* gripe.

Até onde eu saiba, não há estudos quantitativos sistemáticos sobre a variação entre *ter* e *estar com* nas construções possessivas em que os dois itens podem ser empregados. Também desconheço, até o momento, estudos sobre possíveis diferenças o português europeu (doravante, PE) e o PB no que diz respeito a essa variação. A variação entre as duas possibilidades parece ser estável, não havendo, pelo menos à primeira vista, qualquer sinal de que uma forma esteja avançando sobre a outra entre as orações possessivas.

## 2. A arquitetura das orações possessivas

A hipótese de que o verbo possessivo resulta da combinação de um verbo copulativo com um item relacional implica, em termos derivacionais, considerar que as orações possessivas são geradas a partir de uma base inerentemente copular. Esta seção apresenta, em linhas gerais, a análise que propus em AVELAR (2009a, 2009c) para as orações possessivas do português brasileiro, explorando a referida hipótese.

Recorrendo à noção de *inserção vocabular tardia* nos termos da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz 1993, 1994), analiso a versão possessiva de *ter* como um resultado da combinação dos traços subjacentes a *estar com* os da preposição *com*<sup>6</sup>. Tendo em vista o caráter tardio (pós-sintático) da inversão vocabular no desenvolvimento da derivação, os verbos *ter* e *estar*,

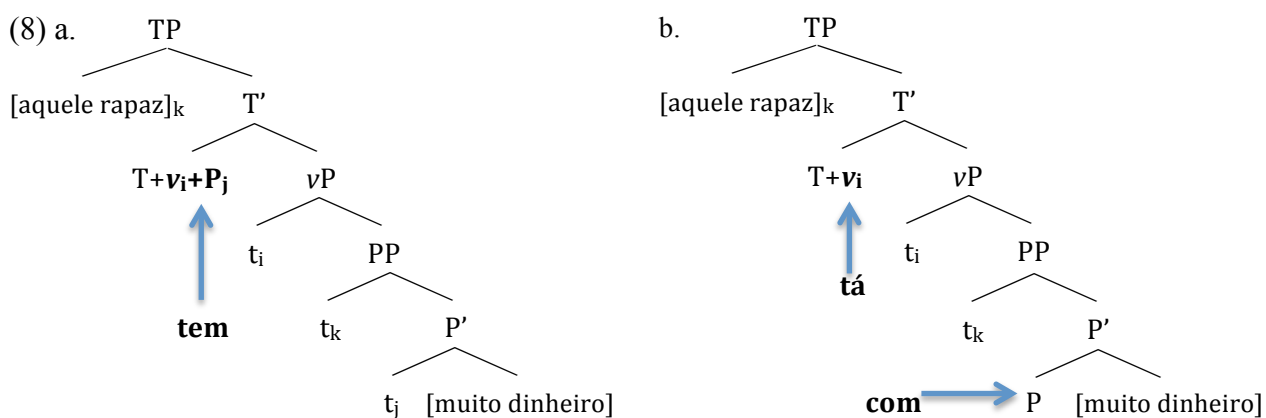
<sup>5</sup> O símbolo “#” é aqui empregado para indicar construções que, embora gramaticalmente perfeitas, são incomuns em termos semântico-discursivos.

<sup>6</sup> Para um tratamento das orações existenciais no PB a partir de uma visão lexicalista (em oposição, portanto, à visão não-lexicalista que exploro no presente estudo), ver o trabalho de VIOTTI (1999).

bem como a preposição *com*, não apresentam matrizes fonológicas ao longo da computação sintática, por serem itens funcionais. No decurso da computação, esses itens são núcleos abstratos, com suas matrizes fonológicas sendo inseridas “tardiamente”. Desta perspectiva, construções possessivas com *ter* e *estar com* como aquela em (7a) a seguir apresentam em comum a estrutura em (7b): a categoria  $v_{cop}$  (a versão copular/estativa do núcleo funcional *light verb*) toma como complemento a projeção de P(reposição), que contem os traços abstratos da preposição *com* ( $P_{com}$ ). Essa projeção traz o DP interpretado como possuidor – *aquele rapaz* – na posição de especificador, e o DP interpretado como possuído – *muito dinheiro* – na posição de complemento.

- (7) a. Aquele rapaz **tem / tá com** muito dinheiro.  
 b. [ $v_P v_{cop}$  [PP [DP *aquele rapaz*] ] [P'  $P_{com}$  [DP *muito dinheiro*] ] ] ]

A derivação deve prosseguir como nas configurações em (8) a seguir, com o DP *aquele rapaz* sendo movido para a posição de sujeito (o especificador de TP – *Tense Phrase*) e resultando na possessiva com *ter* ou *estar com*, respectivamente como em (a) e (b). A diferença entre as duas configurações está no lócus em que os traços da preposição ( $P_{com}$ ) são realizados: na primeira, esses traços se adjungem a  $v_{cop}$ , e o complexo resultante ( $v_{cop}+P_{com}$ ) recebe, na inserção vocabular, a matriz fonológica correspondente a *ter*; na segunda, os traços de  $P_{com}$  não se adjungem aos de  $v_{cop}$ , com os primeiros recebendo a matriz referente à preposição *com*, e os segundos, ao verbo *estar*.<sup>7</sup>



À luz dessa proposta, o contraste aspectual relativo à oposição entre posse permansiva (com *ter*) e posse transitória ou recentemente adquirida (com *estar com*), previamente referido na seção 1, pode ser descrito como um efeito da possibilidade de combinação entre  $v_{cop}$  e  $P_{com}$ : a combinação das duas categorias (que resulta na inserção vocabular de *ter*) deve ser tomada, na interface semântica, como uma “instrução” para que a expressão de posse seja interpretada como duradoura

<sup>7</sup> Por serem irrelevantes aos objetivos imediatos deste trabalho, irei aqui me abster de apresentar mais detalhes sobre outros procedimentos computacionais envolvidos na implementação técnica das configurações exemplificadas em (8). Sugiro ao leitor interessado nesses aspectos a leitura de AVELAR (2009b), em que apresento detalhadamente as operações que entram em jogo para satisfazer a requerimentos relevantes (como os de marcação Casual, checagem/valoração de traços, EPP, localidade, condições para adjunção *etc.*) na derivação dessas estruturas.

ou permanente, enquanto a não ocorrência da combinação (resultando na realização de *estar com*) deve corresponder à “instrução” para uma leitura de posse transitória ou recentemente adquirida.

Uma das evidências apresentadas em AVELAR (2009c) em favor da existência de uma projeção nucleada por traços subjacentes a *com* em sentenças com *ter* diz respeito a mecanismos de correferenciação no interior das orações possessivas. Consideremos as construções em (9) a seguir, com *ter*, e em (10), com outros verbos.

- (9) a. O Pedro *tinha* vários documentos da Maria na carteira.  
b. A Ana *tem* um carro na oficina.  
c. Aquele professor *teve* vários alunos estudando no exterior.
- (10) a. O Pedro *viu* vários documentos da Maria na carteira.  
b. A Maria *deixou* um carro na oficina.  
c. Aquele professor *recebeu* vários alunos estudando no exterior.

Embora sejam formadas pelos mesmos constituintes em posição de sujeito e no interior do predicado, os dois conjuntos de sentenças exibem um contraste claro no que tange a requerimentos de controle referencial: nas possessivas em (9), é necessário pressupor que o sintagma nominal em posição de sujeito seja interpretado como tendo alguma relação com um constituinte no interior do predicado: em (9a), por exemplo, *o Pedro* precisa ser interpretado como possuidor de carteira; em (9b), *a Ana* precisa ser a proprietária do carro ou a responsável pela oficina; em (9c), *aquele professor* precisa ter algum tipo de relação (por exemplo, ser seu orientador) com os *vários alunos estudando no exterior*. Em contraste, nenhuma dessas interpretações é necessária nas sentenças em (10): a boa formação dessas construções não requer a existência de qualquer tipo de relação prévia entre o constituinte na posição de sujeito e um termo no interior do predicado.<sup>8</sup>

As representações em (11) a seguir mostram que, se formas pronominais (no caso, *dele(a)*) forem inseridas junto aos constituintes relevantes no interior do predicado com *ter*, essas formas precisam ser coindexadas ao sujeito, em paralelo com o observado anteriormente em (9), em que nenhum pronome está presente. Essa mesma condição não é observada em (12), em que o pronome pode ser coindexado ao sujeito, mas também a qualquer outro elemento pressuposto no discurso.

- (11) a. [ o Pedro ]<sub>i</sub> tinha vários documentos da Maria na carteira [ dele ]<sub>i/\*j</sub>  
b. [ a Ana ]<sub>i</sub> tem um carro [ dela ]<sub>i/\*j</sub> na oficina

---

<sup>8</sup> Dados os limites do escopo deste trabalho, não é aqui possível desenvolver qualquer discussão mais ampla a respeito de categorias pronominais nulas que podem entrar em jogo para determinar o controle referencial nas orações possessivas. Tradicionalmente, PRO é assumido como a categoria instanciada em contextos de controle dentro de orações infinitivas ou em dependências desprovidas de Caso, mas propostas alternativas têm ganhando força na literatura, em particular a de HORNSTEIN (2001), que advoga em favor da hipótese segundo a qual o controle obrigatório é um efeito de movimento, tal como nas construções de alçamento. Para o caso das orações possessivas, vou simplesmente considerar que há uma categoria vazia (*c<sub>v</sub>*) no interior do predicado, coindexada com o sujeito gramatical da oração, sem entrar na discussão a respeito de qual seria a natureza dessa categoria (se PRO, pro ou cópia apagada de um constituinte movido). Para um estudo introdutório a respeito desse tópico, encaminho o leitor ao trabalho de AVELAR (2005).

- c. [ aquele professor ]<sub>i</sub> tem vários alunos [ dele ]<sub>i/\*j</sub> estudando no exterior
- (12) a. [ o Pedro ]<sub>i</sub> viu vários documento da Maria na carteira [ dele ]<sub>i/j</sub>  
 b. [ a Ana ]<sub>i</sub> deixou um carro [ dela ]<sub>i/j</sub> no conserto  
 c. [ aquele professor ]<sub>i</sub> atendeu vários alunos [ dele ]<sub>i/j</sub> estudando no exterior

Tendo em vista o paralelismo entre (9)-(10) e (11)-(12), o contraste no primeiro conjunto pode ser formalmente captado pela ideia de que, nas construções com *ter*, há uma categoria vazia *cv* (ou seja, fonologicamente nula) obrigatoriamente conectada a um constituinte interno ao predicado e correferente ao sujeito da oração, como nas representações esboçadas em (13) a seguir. Nas construções com os outros verbos, essa coindexação com o sujeito da oração não é obrigatória, como representado em (14). Frente a esse contraste, a questão relevante é saber o que existe de especial nas orações possessivas com *ter* que garante a correferência necessária entre o sujeito da oração e um elemento no interior do predicado.

- (13) a. [ o Pedro ]<sub>i</sub> tinha vários documentos da Maria n[ a carteira *cv*<sub>i/\*j</sub> ]  
 b. [ a Ana ]<sub>i</sub> tem um [ carro *cv*<sub>i/\*j</sub> ] no conserto  
 c. [ aquele professor ]<sub>i</sub> teve [ vários alunos *cv*<sub>i/\*j</sub> ] estudando no exterior
- (14) a. [ o Pedro ]<sub>i</sub> viu vários documentos da Maria n[ a carteira *cv*<sub>i/j</sub> ]  
 b. [ a Ana ]<sub>i</sub> deixou um [ carro *cv*<sub>i/j</sub> ] no conserto  
 c. [ aquele professor ]<sub>i</sub> atendeu [ vários alunos *cv*<sub>i/j</sub> ] estudando no exterior

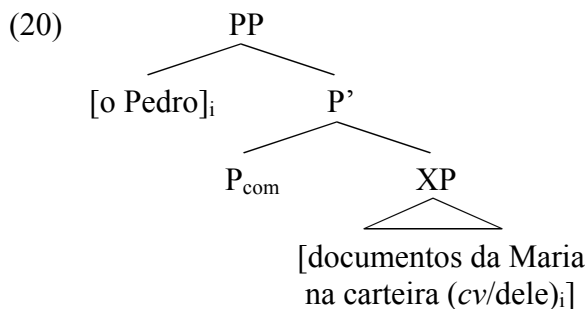
Uma possível resposta passa pela observação de que as construções com *estar com* mostram requerimentos de coindexação paralelos aos observados nas construções com *ter*, como nas sentenças em (15) a seguir. Esses requerimentos parecem estar relacionados à ocorrência de *com*, como podemos constatar pela observação das sentenças em (16), construídas com diferentes verbos que coocorrem com um adjunto introduzido por essa preposição: vemos em (16) o mesmo requerimento de controle referencial atestado em (15), havendo de comum entre os dois conjuntos a presença de *com*.

- (15) a. [ o Pedro ]<sub>i</sub> *estava com* vários documentos da Maria na carteira [ *cv* / dele ]<sub>i/\*j</sub>  
 b. [ a Ana ]<sub>i</sub> *está com* um carro [ *cv* / dela ]<sub>i/\*j</sub> no conserto  
 c. [ aquele professor ]<sub>i</sub> *está com* vários alunos [ *cv* / dele ]<sub>i/\*j</sub> estudando no exterior
- (16) a. O Pedro dormiu / viajou / veio / saiu *com* vários documentos da Maria na carteira (dele).  
 b. [ o Pedro ]<sub>i</sub> VERBO *com* vários documentos da Maria na carteira [ *cv* / dele ]<sub>i/\*j</sub>

Os dados em (15)-(16) sugerem fortemente que a preposição *com* é o item responsável por criar as condições que garantem o controle referencial obrigatório nessas construções. Nos casos das sentenças possessivas com *ter*, essa propriedade pode ser facilmente explicada se assumirmos que esse verbo traz os traços da referida preposição em sua constituição, tal como proposto pela hipótese ilustrada nas representações em (8).



(19) O Pedro *tinha/tava com* documentos da Maria na carteira (*dele*).



Como será destacado na próxima seção, a configuração interna das orações possessivas com *ter* está na base das propriedades demonstradas pelas sentenças existenciais construídas com esse mesmo verbo.

### 3. Configuração sintática das orações existenciais

No PB, as chamadas *orações existenciais* são canonicamente realizadas com *ter*, residindo aí um importante contraste com o PE, que tem o verbo *haver* como o existencial canônico. Os vários estudos sobre a variação entre os dois verbos no PB são consensuais quanto à predominância de *ter* sobre *haver* na oralidade, em qualquer que seja a variedade diatópica analisada (Callou & Avelar 2000, Silva 2004, Leite & Callou 2002, Gonçalves 2012, entre outros). Construções existenciais com os dois verbos são exemplificadas a seguir.

- (21) a. *Tinha* vários livros sobre a mesa.  
 b. *Havia* vários livros sobre a mesa.

À primeira vista, a variação entre *ter* e *haver* observada entre as existenciais do PB parece consistir na simples alternância entre um e outro item dentro de uma mesma estrutura sintática. Em outras palavras, a configuração das existenciais com *ter* seria a mesma que a das existenciais com *haver*, com a diferença entre uma e outra sendo restrita à seleção de um ou outro verbo. Um olhar mais atento nos revela, contudo, que a variação relevante não é exatamente entre dois itens vocabulares, mas entre duas estruturas com configurações sintáticas distintas – uma que resulta na realização de uma sentença com *ter*, e outra, numa sentença com *haver*.<sup>11</sup>

Um aspecto que evidencia estarmos lidando com duas estruturas diferentes vem das sentenças existenciais que trazem o pronome *você* com referência genérica em posição de sujeito, como nas construções sublinhadas nos trechos de fala reproduzidos a seguir. Estudos diversos argumentam

---

etc.). XP pode, ainda, corresponder a um DP, resultando em sentenças do tipo *O Pedro tinha/estava com documentos*, em que o complemento do verbo possessivo não se configura como uma *small clause*.

<sup>11</sup> Para outros estudos que procuram captar propriedades sintático-semânticas de construções existenciais no PB, vejam-se os trabalhos de VIOTTI (1999, 2002, 2003), FRANCHI, NEGRÃO & VIOTTI (1998), KATO (2002), AVELAR (2009a, 2009b, 2009c, 2009d) e GONÇALVES (2012), entre outros.



que tais construções são intrinsecamente existenciais, e não possessivas, o que seria um reflexo de mudanças sintáticas mais gerais atreladas a propriedades da posição de sujeito no PB (Duarte 1995 2007, Avelar 2009a, Avelar & Callou 2011, Marins 2012, 2013).

- (22) a. *não sei definir a arquitetura da Tijuca, que aí confunde um pouco com o Rio Comprido. Rio Comprido de repente **cê** tinha, Catumbi e, aí **você** tinha de repente uns sobrados, umas casas mais antigas né. A Tijuca já tem bastante prédio, e assim a parte de altos, não sei, não consigo, diferenciar uma arquitetura, específica. Aliás, eu não vejo, com exceção da Barra, né, que **você** tem aqueles, em geral, prédios baixinhos* (NURC-RJ, AC/90, Inq. 012, Faixa 1)
- b. *em Kioto **você** tem aquela confusão da rua, trânsito carro pra caramba, mas **você** tem aqueles castelos de imperadores antigos, não sei o quê* (NURC-RJ, AC/90, Inq. 012, Faixa 1)

Ao contrário do que se observa nas sentenças com *ter*, as existenciais com *haver* não admitem a inserção de *você* genérico em posição de sujeito, o que fica claro na agramaticalidade das sentenças apresentadas em (23). Esse contraste entre as existenciais com os dois verbos revela que, em oposição aos casos com *ter*, a estrutura das sentenças com *haver* não dispõe de uma posição para receber sujeitos fonologicamente realizados.

- (23) a. \* *Você havia uns sobrados, uma casas mais antigas.*  
b. \* *Em Kioto, você há aquela confusão na rua.*  
d. \* *Você há aqueles castelos de imperadores antigos.*

Esse contraste pode ser explicado (pelo menos parcialmente) se considerarmos que, ao se tornar um verbo existencial, *ter* preservou as propriedades demonstradas em sua versão possessiva, daí a possibilidade de as construções existenciais com esse verbo admitirem elementos em posição de sujeito. À luz do que foi apresentado na seção anterior acerca das construções possessivas, essa hipótese implica considerar que, também nas existenciais, *ter* é o resultado da combinação de traços abstratos da preposição *com* e da cópula *estar*. Nesse sentido, é interessante observar que a locução *estar com* também pode ser empregada na formação de orações existenciais, como nos dados a seguir, extraídos de blogues publicados no Brasil e/ou escritos por brasileiros. Dados desse tipo contam em favor da hipótese de que a versão existencial e a versão possessiva de *ter* são o mesmo item vocabular.

- (24) a. “*aqui na cidade **tá com** monte de mulher de cabelo laranja. Acho que as mulheres n entendem q ruivo só fica bonito se for natural*”<sup>12</sup>  
b. “*acho que no viveiro não posso nem sonhar em colocar [os periquitos] porque **lá tá com** minhas calopsitas!*”<sup>13</sup>  
c. “*no avião **tá com** novas telas que tem acesso a wi-fi*”<sup>14</sup>  
d. “*lá em casa **tá com** internet agora, de vez em quando de noite eu entro*”<sup>15</sup>

<sup>12</sup> <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20130501161729AA4n3db>, acesso em 11/07/2014.

<sup>13</sup> <http://forum.vidadeperiquito.com.br/t575-femea-arrumando-o-ninho>, acesso em 11/07/2014.

<sup>14</sup> <http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfictions-idolos-shinee-its-you-475302/capitulo9>, acesso em 11/07/2014

- e. “eu só vim pegar um balde emprestado, porque *lá em casa tá com goteira nova*”<sup>16</sup>
- f. “comecei a filmar com meu cel, mas *dentro do carro tava com pouca luz*, o vídeo não tava mto bom, entao fomos pra fora do carro”<sup>17</sup>
- g. “*lá na praia tá com Net e td*, vou entrar por lá, mas n com tanta frequência”<sup>18</sup>
- h. “meu pai foi fritar o bife e *na panela tava com açúcar* e ele pensava que era gordura”<sup>19</sup>
- i. “Jantei no shopping, *tava com música ao vivo*”<sup>20</sup>
- j. “*aqui no Rio tá com uma chuvinha bem gostosa* e o tempo tá bem fresquinho”<sup>21</sup>
- k. “*aqui no quintal tá com um enxame de abelhas*”<sup>22</sup>

Também nas existenciais se observa o contraste entre estado permansivo e estado transitório/recente atestado nas expressões de posse com *ter* e *estar com*, respectivamente. A título de exemplo, consideremos a construção em (24j), reproduzida em (25a) a seguir, junto da existencial com *ter* em (25b): no caso com *estar com*, a leitura é a de que a *chuvinha bem gostosa* é episódica, passageira, algo que talvez esteja transcorrendo no momento em que a construção é enunciada; no caso com *ter*, ao contrário, a interpretação é a de que a *chuvinha bem gostosa* é algo recorrente no Rio. O contraste fica ainda mais evidente quando comparamos as construções em (26): a existencial com *estar com* em (a) causa estranhamento porque traz embutida a interpretação de que a presença de quatro estados na região sudeste do Brasil é algo passageiro ou uma situação recente, o que sabemos não ser o caso, daí o emprego de *ter*, como em (b), ser o mais apropriado para indicar essa condição.

- (25) a. No Rio *tá com* uma chuvinha bem gostosa.  
b. No Rio *tem* uma chuvinha bem gostosa.
- (26) a. # Na região sudeste do Brasil *tá com* quatro estados.  
b. Na região sudeste do Brasil *tem* quatro estados.

Frente a esse paralelismo entre as possessivas e existenciais com *ter* e *estar com*, podemos explorar a ideia de que a configuração sintática das existenciais com esses itens apresenta a mesma arquitetura subjacente às orações possessivas, contendo uma projeção preposicional nucleada pelos traços P<sub>com</sub> em ambos os casos. Nesses termos, a representação da existencial em (27) a seguir deve ser como em (28): tanto em (a) quanto em (b), P<sub>com</sub> toma como complemento uma *small clause* com

<sup>15</sup> <http://jornalmaisdom.blogspot.se/2011/07/especial-redes-sociais-nos-por-nos.html>, acesso em 11/07/2014

<sup>16</sup> <http://anti-taxi.blogspot.se/2007/08/um-episodio-de-chaves-que-eu-gostaria-de.html>, acesso em 11/07/2014

<sup>17</sup> [www.gpguia.net/viewtopic.php?f=141&t=14800&start=220](http://www.gpguia.net/viewtopic.php?f=141&t=14800&start=220), acesso em 11/07/2014

<sup>18</sup> [http://www.fotolog.com/otavio\\_mota/22479959/](http://www.fotolog.com/otavio_mota/22479959/), acesso em 11/07/2014.

<sup>19</sup> <http://ask.fm/carolbfalcao/best>, acesso em 11/07/2014

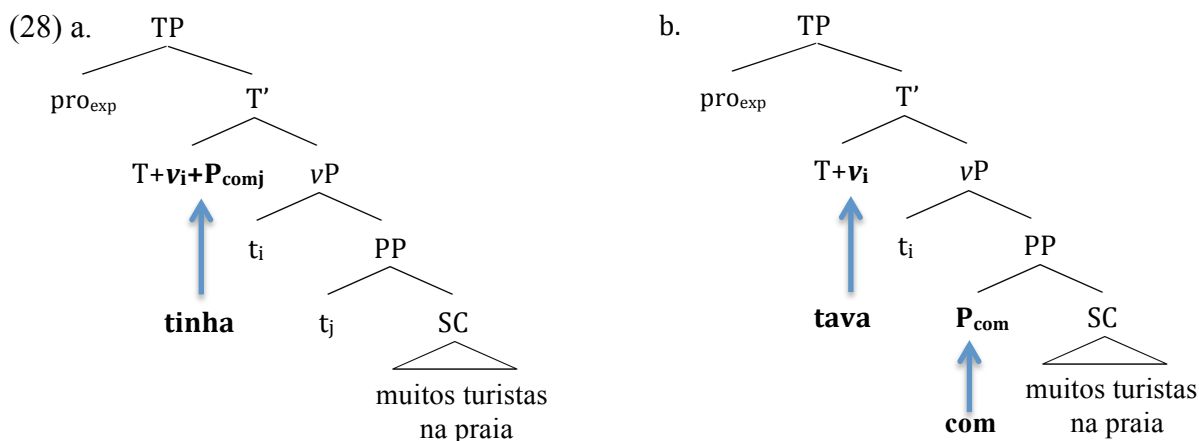
<sup>20</sup> <http://www.nicholasgimenes.com.br/2008/11/2008nov-curitiba-pr.html>, acesso em 11/07/2014

<sup>21</sup> <http://minhacasaorganizada.wordpress.com/2013/10/31/creme-de-ervilha-maravilha/>, acesso em 11/07/2014

<sup>22</sup> [https://twitter.com/Lays\\_Pontes](https://twitter.com/Lays_Pontes), acesso em 11/07/2014

um predicado locativo (ver Avelar 2009b); a diferença reside no fato de que  $P_{com}$  se combina com  $v$  no primeiro caso, resultando na realização de *ter*, ao passo que permanece como um núcleo independente em (b), resultando na realização de *estar com*. Se essa análise estiver correta, a combinação de  $v$  e  $P_{com}$  funciona, da mesma forma que nas possessivas, como uma “instrução” para que o estado de coisas expresso pela oração existencial seja interpretado como *permansivo*, ao passo que a autonomia entre os dois itens conduz à interpretação episódica ou transitória.

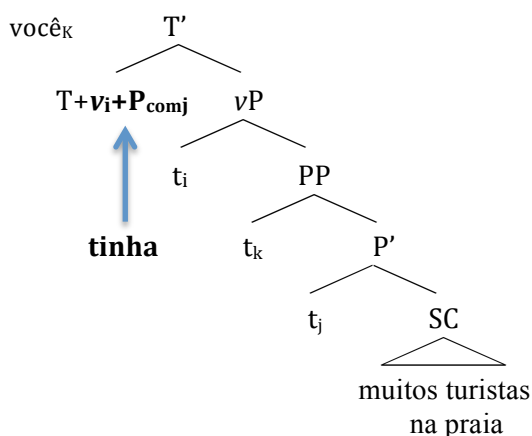
(27) *Tinha/Tava com* muitos turistas na praia.



Retornando à questão do preenchimento da posição de sujeito das existenciais pela versão genérica do pronome *você* (também possível nos casos com *estar com*), o lócus natural para a inserção desse item é na posição de especificador do PP nucleado pelos traços de *com* (Spec- $P_{com}$ ), como na representação em (30) para a sentença apresentada em (29). Dessa posição, o pronome se move para a posição de sujeito (Spec-T), onde é realizado. À luz dessa análise, a impossibilidade de esse pronome ocorrer nas existenciais com *haver*, conforme observado anteriormente em (23), deriva do fato de as construções com esse verbo não disporem de uma camada preposicional capaz de abrigar o pronome *você* em seu especificador: uma vez que não serve à expressão de posse no português contemporâneo, ao contrário de *ter* e *estar com*, o verbo *haver* não pode ser concebido como resultado do amálgama de uma preposição com um item copular, o que significa que as existenciais com esse verbo não apresentam, em sua arquitetura, uma posição (mais especificamente, Spec- $P_{com}$ ) para acolher o pronome.

(29) *Você tinha* muitos turistas na praia na semana passada.





Frente a esse conjunto de hipóteses, há uma questão que merece ser abordada a respeito tanto da arquitetura das existenciais com *haver*, *ter* e *estar com* quanto do estatuto do pronome *você*: por que essa forma pronominal não pode ser conectada diretamente em Spec-T (em vez de em Spec-P<sub>com</sub>), o que a licenciaria nas construções existenciais com *haver*? Uma resposta apropriada a essa questão passa por considerar os debates que têm sido feitos em torno de propriedades do pronome genérico.

À primeira vista, construções como aquelas destacadas previamente em (22) nos levariam a considerar as ocorrências de *você* nas existenciais como instâncias de um pronome expletivo. Isso implicaria assumir que esse pronome apresenta uma versão na qual é destituído de conteúdo semântico e, como tal, poderia ser inserido numa posição atemática. Essa propriedade explicaria, entre outras coisas, o fato de a sua inserção nas construções relevantes com *ter* não alterar a interpretação existencial da oração.<sup>23</sup>

Há razões, no entanto, para acreditar que, embora a inserção do pronome não altere o caráter existencial da construção, sua ocorrência está atrelada a pressupostos de ordem discursiva, que envolvem, em alguma medida, a relação entre o enunciador e o conteúdo da sentença. Em Avelar (2009d), são apresentadas algumas propriedades que justificam essa observação e, por isso, impediriam tratar as ocorrências de *você* nas existenciais como instâncias de um item expletivo, pelo menos no sentido que a noção de “expletividade” tem assumido no arcabouço da sintaxe gerativa. Um dos argumentos apresentados é o fato de o pronome poder ser correferente a sujeitos nulos alocados no interior de orações coordenadas, como em (31) e (32) a seguir. Comparando os casos em (a) e (b) de cada conjunto, vemos que apenas aqueles em (a) são gramaticais, e que esse contraste de gramaticalidade está relacionado com o fato de *você* estar ou não presente na posição de sujeito da construção com *ter*, coindexado ao argumento externo da segunda oração coordenada. Na ausência do pronome tal como em (b), é impossível estabelecer o paralelismo correferencial

<sup>23</sup> Sobre outros estudos que fazem referência a diferentes versões do pronome *você* no PB, vejam-se trabalhos como os de DUARTE (1999), VITRAL & RAMOS (1999) e AVELAR (2009d).

necessário à boa formação da estrutura coordenada, já que verbos como *conseguir* e *visitar*, em (31), e *recorrer*, em (32), requerem um argumento externo que admitam uma interpretação semântica/temática. Observemos, nesse sentido, que as construções em (b) poderiam ser “salvas” da agramaticalidade se a segunda oração da estrutura coordenada recebesse o pronome *você* em posição de sujeito, como em (c). Esses fatos revelam que, pelo menos nas existenciais com *ter*, não é possível tratar o pronome *você* como um expletivo, do contrário sua ocorrência não interferiria no estatuto de agramaticalidade das referidas construções.<sup>24</sup>

- (31) a. *Você<sub>i</sub>* tem muitas praias bonitas em Pernambuco e *cv<sub>i</sub>* consegue visitar quase todas em uma única semana.  
 b. \* Tem muitas praias bonitas em Pernambuco e *cv* consegue visitar quase todas em uma única semana.  
 c. Tem muitas praias bonitas em Pernambuco e *você* consegue visitar quase todas em uma única semana.
- (32) a. *Você<sub>i</sub>* tinha poucos computadores na década de 60 e por isso *cv<sub>i</sub>* recorria a formas mais rudimentares de armazenar dados.  
 b. \* Tinha poucos computadores na década de 60 e por isso *cv* recorria a formas mais rudimentares de armazenar dados.  
 c. Tinha poucos computadores na década de 60 e por isso *você* recorria a formas mais rudimentares de armazenar dados.

Uma última questão que merece ser abordada diz respeito à caracterização da posição de Spec-P<sub>com</sub> quanto às suas propriedades temáticas, o que vale tanto para as construções possessivas quanto para as existenciais com *ter* e *estar com*. Recorrendo a um dispositivo de análise amplamente explorado em abordagens gerativistas sobre o licenciamento temático de sintagmas nominais, cabe indagar, nesse sentido, se P<sub>com</sub> é dotada de uma grade argumental que prevê a ocorrência de um argumento externo. A rigor, devemos considerar que, para produzir uma construção possessiva, a projeção de P<sub>com</sub> precisa ter um sintagma concatenado no especificador da projeção que nucleia, sintagma esse que, à primeira vista, pode ser considerado o seu argumento externo (o que chamamos idealmente de “possuidor”). Esse mesmo elemento, contudo, é

---

<sup>24</sup> Uma propriedade interessante do pronome *você* é o fato de esse item permitir o estabelecimento de contrastes pragmáticos com outros pronomes pessoais que também podem ser usados com referência indeterminada, como *a gente* e *nós*. Comparemos, a título de exemplo, os casos em (a) e (b) nas construções em (i)-(ii) a seguir. Enquanto as sentenças em (b), que trazem as formas de *a gente* e *nós* em posição de sujeito, só podem ser naturalmente enunciadas por um falante que tenha alguma relação com o Japão (por exemplo, mora no Japão ou viaja pra lá com frequência) e com o Rio de Janeiro (por exemplo, é um carioca que gosta de bailes de carnaval), as sentenças em (a), com o pronome *você*, podem ser enunciadas por qualquer falante sem causar qualquer tipo de estranhamento, mesmo que nunca tenha ido ao Japão ou que viva longe do Rio. Esse pronome integra, portanto, um paradigma dentro do qual é possível estabelecer uma escala de genericidade atrelada à relação dos interlocutores com o que está sendo enunciado.

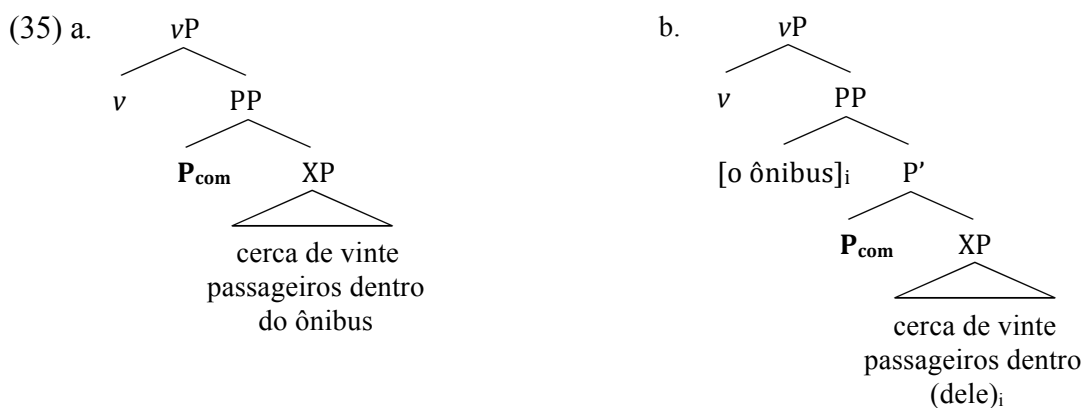
- (i) a. *Você* tem praias belíssimas no Japão.  
 b. *A gente* tem praias belíssimas no Japão.
- (ii) a. *Você* tinha excelentes bailes de carnaval aqui no Rio na década de 60.  
 b. *Nós* tínhamos excelentes bailes de carnaval aqui no Rio da década de 60.

dispensado na geração de construções existenciais. Isso nos leva a considerar que  $P_{com}$  não requer propriamente um argumento externo.

Para tentarmos delinear um pouco melhor o papel desse item em termos sintático-semânticos na configuração das orações existenciais, retornemos ao que foi apresentado na seção anterior, com a ideia de que os traços da preposição *com* são, como os de C, responsáveis por uma projeção sintática a partir da qual se estabelece um “elo” similar à das relações *operador-variável*. Esse paralelismo entre C e  $P_{com}$  é facilmente observado nas construções previamente apresentadas em (17)-(18), reproduzidas em (33) e (34) a seguir.

- (33) a. [ **Aquele armário<sub>i</sub> com várias calças dentro (dele<sub>i/\*j</sub>)** ] está com cupim.  
 b. [ **O rapaz<sub>i</sub> com o carro (dele<sub>i/\*j</sub>) em frente da nossa casa** ] é um velho conhecido meu.
- (34) a. Qual professor<sub>i</sub> (que) você sempre vê (ele<sub>i/\*j</sub>) na praia?  
 b. Aquele professor<sub>i</sub> que você sempre vê (ele<sub>i/\*j</sub>) na praia é meu amigo.

Isso nos leva a considerar que o papel de Spec- $P_{com}$  nas sentenças possessivas e existenciais é o mesmo que o de Spec-C (ou do especificador de outras projeções A-barra na periferia esquerda da oração, como Spec-Top e Spec-Foc): não se trata de uma posição temática onde um papel semântico é atribuído, mas de um lócus especializado em receber elementos com proeminência informacional pertencentes à estrutura predicativa do constituinte que é tomado como complemento de  $P_{com}$ . Essa condição é ilustrada na representação em (35) a seguir, para os casos em (36):



- (36) a. **Tinha/Tava com** cerca de vinte passageiros dentro do ônibus quando eu entrei.  
 b. O ônibus<sub>i</sub> **tinha/tava com** cerca de vinte passageiros dentro (dele<sub>i</sub>) quando eu entrei.

O elemento em Spec- $P_{com}$ , no caso em que essa posição é criada (como em (35b)), deve estar ligado a uma categoria nula ou fonologicamente realizada no interior do XP que é tomado como complemento de  $P_{com}$ . Se Spec- $P_{com}$  não for projetado (ou se for projetado para receber itens de referência genérica como o pronome *você*), o resultado é a realização das orações que chamamos de *existenciais*. Se Spec- $P_{com}$  for projetado para receber um elemento coindexado com algum constituinte interno a XP, temos uma oração dita *possessiva*. Dentro dessa análise, a representação

para a existencial em (36a) e a possessiva em (36b) deve partir das estruturas em (35): a diferença entre uma e outra está, como vimos, na projeção de Spec-P<sub>com</sub> na configuração em (b), ocupada por um elemento (*o ônibus*) que têm uma clara interpretação no interior de XP.

### Considerações finais

À guisa de conclusão, cabe destacar que a análise aqui proposta suscita uma questão de ordem comparativa, relativa aos contrastes entre PB e PE no que tange ao licenciamento das construções impessoais com *ter*: por que as sentenças existenciais com esse verbo são usuais no PB, mas não no PE? Não há espaço para abordar essa questão em profundidade no escopo deste trabalho, mas uma possível resposta passa pela observação de que as orações existenciais com *estar com*, ao contrário das possessivas com essa locução, também não são usuais no PE. Se as existenciais com *ter* são derivadas de uma base sintática construída a partir dos traços de *estar com*, é provável que a resistência do PE à entrada de *ter* em contextos existenciais tenha a ver com a ausência de construções impessoais com essa locução, o que abre espaço a uma outra questão: por que o PB passou a admitir construções impessoais, interpretadas como existenciais, com *estar com* (e, conseqüentemente, com *ter*)?

Os resultados apresentados em AVELAR (2009a, 2009c) e MARINS (2012) sugerem fortemente que essa mudança se deve a alterações no parâmetro *pro-drop* (Duarte 1995, Rodrigues 2002, Ferreira 2000, Figueiredo Silva 1996, Galves 1996, 2001, entre outros). Em linhas gerais, o que esses autores propõem é que o preenchimento cada vez mais frequente da posição de sujeito em orações do PB, atestada empiricamente nos eixos sincrônico e diacrônico, resultou em “pressões” para suprimir as existenciais com *haver*, que não admitem elementos em posição de sujeito, e conduziu à emergência das existenciais construídas com itens inerentemente possessivos (*ter* e *estar com*), já que estes admitem elementos na posição de sujeito. A esse respeito, vale ressaltar que, mesmo sendo caracterizadas como impessoais, as existenciais com *ter* e *estar com* costumam trazer constituintes específicos em posição pré-verbal, como a versão genérica de *você* e constituintes locativos preposicionados. Sobre estes constituintes, é importante destacar que todos os exemplos com *estar com* apresentados anteriormente em (24), extraídos de blogues da internet publicados no Brasil, mostram PPs locativos numa posição imediatamente à esquerda do verbo. Observando a ocorrência de locativos em sentenças com diferentes tipos de verbo, AVELAR & CYRINO (2008) propõem que tal posição corresponde à *posição gramatical de sujeito* no PB (em termos minimalistas, Spec-T).

Em síntese, o que esse conjunto de resultados sugere é que, em função de mudanças que afetaram a posição de sujeito no PB, as orações possessivas passaram a ser empregadas também como existenciais. Tendo em vista tais mudanças, a hipótese de que os traços da locução *estar com*

estão na base tanto da expressão oracional de posse quanto da de existência com *ter* permite oferecer (ou, pelo menos, esboçar) uma explicação, com relativa simplicidade, sobre o porquê de o verbo possessivo não ser correntemente empregado como existencial no PE.

### Referências bibliográficas

ARAÚJO, P. J. P. *Domínios conceituais das construções locativas, existenciais, comitativas e possessivas em línguas bantas*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.

AVELAR, J. Pronomes resumptivos e identidade temática em sentenças possessivas. *Estudos Linguísticos*, XXXIV, p. 1188-1193, 2005.

\_\_\_\_\_. *Adjuntos adnominais preposicionados no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2006.

\_\_\_\_\_. On the emergence of TER as an existential verb in Brazilian Portuguese. In: CRISMA, P. & LONGOBARDI, G. (Orgs.). *Historical syntax and linguistic theory*. Oxford: Oxford University Press, 2009a. p. 158-175.

\_\_\_\_\_. *Ter, Ser e Estar – Dinâmicas morfossintáticas no português brasileiro*. Campinas: RG Editora, 2009b.

\_\_\_\_\_. The comitative-copular basis of possessive-existential constructions in Brazilian Portuguese. In: NUNES, J. (Org.). *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 2009c. p. 139-160.

\_\_\_\_\_. The status of the (supposed) expletive in Brazilian Portuguese existential clauses. In: TORR, D. & WETZELS, D. (Orgs.). *Romance languages and linguistic theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2009d. p. 17-32.

\_\_\_\_\_; CALLOU, D. Sentenças existenciais e preenchimento de sujeito: indícios de mudança em progresso na fala culta carioca. In: SILVA, A. G.; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (Orgs.). *Línguas Pluricêntricas – Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas*. Braga: Aletheia, 2011. p. 287-300.

\_\_\_\_\_; CYRINO, S. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. *Linguística – Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 3, p. 218-249, 2008.

BELVIN, R.; DEN DIKKEN, M. “There”, happens, “to”, “be”, “have”. *Língua*, 101, p. 151-183, 1997.

CALLOU, D.; AVELAR, J. 2000. Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Gragoatá*, 9, p. 85-114, 2000.

CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

DEN DIKKEN, M. On the functional structure of locative and directional PPs. In: CINQUE, G.; RIZZI, L. (Eds.). *Mapping Spatial PPs*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 74-126.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 1995.

\_\_\_\_\_. A Sociolinguística Paramétrica: perspectivas. In: HORA, D.; CHRISTIANO, E. (Orgs.). *Estudos linguísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Ideia, 1999. p. 107-114.



- \_\_\_\_\_. Sobre outros frutos de um projeto herético: o sujeito expletivo e as construções de alçamento. In: CASTILHO, A. T.; TORRES MORAIS, M. A.; CYRINO, S.; LOPES, R. (Orgs). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. Campinas: Editora Pontes, 2007. 35-48.
- FERREIRA, M. B. *Argumentos nulos em português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2000.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A posição sujeito no português brasileiro*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- FRANCHI, C.; NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. Sobre as gramáticas das orações impessoais com ter/haver. *D.E.L.T.A.*, 4 (especial), p. 105-144. 1998.
- FREEZE, R. Existential and other locatives. *Language*, 68, p. 553-595, 1992.
- GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs). *Português Brasileiro – uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 387-408.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- GONÇALVES, E. *Ser ou não ser: eis a questão – Construções existenciais com o verbo SER no português brasileiro contemporâneo*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2012.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. (Orgs). *The view from building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-176.
- \_\_\_\_\_. Some key features of Distributed Morphology. *MIT Working Papers in Linguistics* 21. P. 275-288, 275-288.
- HORNSTEIN, N. *Move! A minimalist theory of construal*. Oxford: Blackwell, 2001.
- \_\_\_\_\_; ROSEN, S.; URIAGEREKA, J. Integrals. In: URIAGEREKA, J. (Org.). *Derivations*. London: Routledge, 2002. p. 179-191.
- KATO, M. The reanalysis of unaccusative constructions as existentials in Brazilian Portuguese. *Revista do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo*, 11 (especial), p. 157-186, 2002.
- KAYNE, R. Toward a Modular Theory of Auxiliary Selection. *Studia Linguística*, 47, p. 3-31, 1993.
- LEITE, Y; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- LONGA, V.; LORENZO, G.; RIGAU, G. Subject clitics and clitics recycling: locative sentences in some Iberian Romance languages. *Journal of Linguistics*, 34, p. 125-164, 1998.
- LYONS, J. A Note on Possessive, Existential, and Locative Sentences. *Foundations of Language*, 3, p. 390-396, 1967.
- MARINS, J. As sentenças existenciais no PB: ecos da mudança na marcação paramétrica. In: DUARTE, M. E. L. (Org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 83-100.
- \_\_\_\_\_. *Ter, Haver e Existir: a representação do sujeito pronominal nas construções existenciais numa perspectiva diacrônica*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2013.
- OUHALLA, J. Possession in sentences and noun phrases. In: LECARME, J.; LOWESTAMM, J.; SHLONSKY, U. (Orgs). *Research in Afroasiatic Grammar*. Papers from the Third Conference on Afroasiatic Languages. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000. p. 221-242.
- REINTGES, C.; LIPTÁK, A. Have = be+P: new evidence for the preposition incorporation analysis. In: M. Frascarelli (Ed.). *Phases in interpretation*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. p.

112-118.

RODRIGUES, C. 2002. Morphology and null subjects in Brazilian Portuguese. In: LIGHTFOOT, D. (Ed.). *Syntactic effects of morphological changes*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 160-178.

SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá – Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da Unicamp / São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

SILVA, R. N. A. A variação “ter/haver” na fala pessoense. In: HORA, D. (Org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa, ILAPEC, 2004. p. 219-234.

TORREGO, E. Aspect in the prepositional system of Romance. In: SATTERFIELD, T.; TORTORA, C.; CRESTI, D. (Orgs). *Current issues in Romance languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 337-357.

VIOTTI, E. *A sintaxe das sentenças existenciais no português do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1999.

\_\_\_\_\_. Sobre o efeito de definitude nas sentenças existenciais. *Revista do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo*, 11 (especial), p. 127-153, 2002.

\_\_\_\_\_. A composicionalidade nas sentenças com o verbo *ter*. In: MÜLLER, A. L.; NEGRÃO, E. V.; FOLTRAN, M. J. (Orgs). *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 221-241.

VITRAL, L.; RAMOS, J. Gramaticalização de você: um processo de perda de informação semântica?. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 3, p. 55-64, 1999.